

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIABILIDADE DA CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS OPERATIVOS ENQUANTO ESTRATÉGIA DIDÁTICO- PEDAGÓGICA

Ana Carolina Biscalquini Talamoni

Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência.

Faculdade de Ciências. UNESP, Bauru.

Eixo 9 – Materiais pedagógicos no ensino e na formação de professores.

Apoio Capes

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência no contexto dos Estágios Supervisionados em Psicologia Escolar I e II, realizado em uma escola pública estadual de ensino fundamental e médio, situada em município do interior de São Paulo. O trabalho em pauta objetivou proporcionar aos alunos do primeiro ano do ensino médio, do período matutino, um espaço de reflexão acerca das emoções, angústias e exigências específicos da adolescência, através da organização de grupos operativos de trabalho. A proposta consistiu na realização de seis encontros com duração de duas horas/aula cada, ao longo de um ano. Para atender às cinco turmas de primeiro ano do ensino médio da escola, que totalizavam 198 alunos, foram organizados 16 grupos de trabalho, com uma média de 12 sujeitos em cada um. Para cada encontro, organizado segundo a técnica do grupo focal, trabalhou-se um tema específico, colocado em pauta pela estagiária/pesquisadora, e que tinha por intuito referendar temas pertinentes à adolescência e a inteligência emocional. Ao final do ano letivo, constatou-se um total de 80 desistências (40%), cujos principais motivos foram investigados através da aplicação de questionário semi-aberto.

Introdução

A psicologia escolar é a especialidade da psicologia que se interessa pelas formas de interação e de influência existentes entre as pessoas envolvidas no ambiente escolar (professores, funcionários, coordenação e alunos). Neste

contexto, trabalha o psicólogo escolar, atuando com alunos e professores, fazendo parte do sistema educativo. O estágio curricular em Psicologia Escolar está previsto na formação do psicólogo, e conforme a grade curricular em questão, foi realizado no último ano da formação, em dois semestres, totalizando uma carga horária de 378 horas/aula, entre supervisão(120h/aula) e estágio na escola (258 hs/aula). Com a inserção da estagiária/ pesquisadora na comunidade escolar, através dos atendimentos individuais, conversas informais e de levantamento de dados junto ao corpo de professores, funcionários e direção, foi possível constatar um alto índice de alunos usuários de drogas, bem como a queixa persistente acerca de episódios de agressividade e indisciplina, sobretudo dentre os alunos do primeiro ano do ensino médio do período diurno.

Dessa forma houve a necessidade de investigar junto a esse grupo de alunos os possíveis motivos desses comportamentos apresentados, bem como encontrar o melhor meio para a contenção dos mesmos. Além disso, o fato desta população encontrar-se no período da adolescência foi de extrema relevância para a elaboração de uma estratégia de atuação.

Adolescência, educação e vida emocional

A adolescência caracteriza-se por ser uma fase da vida dos indivíduos, que varia de acordo com a ciência que a aborda, mas que, necessariamente encontra-se entre o final da infância e o começo da vida adulta. Os limites da adolescência não são fixos e variam de acordo com fatores constitucionais, psicológicos, sociais, econômicos e culturais. Trata-se de um período de transição marcado pela modificação física, mental e emocional. (D'ANDREA, 1996; BEE, 1997).

Para Aberastury (1990, p. 15-16) trata-se de uma etapa decisiva do desenvolvimento, pautada pelo processo de desprendimento. Este desprendimento refere-se à perda da onipotência infantil e de certa forma, dos valores familiares. É o momento em que o indivíduo lança-se ao mundo na busca de sua própria identidade, o que só será possível quando houver a integração de seu corpo adulto à sua imagem corporal. É um momento conflitivo para o sujeito, e também o é para os pais e para a sociedade, que precisam se adaptar a este novo indivíduo.

Com relação aos pais, estes precisam desprender-se do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que implica também uma conformação psicológica por parte deles, acerca do próprio curso da vida, ou

seja, é preciso com a aceitação do crescimento do filho, aceitar também o “devir do envelhecimento e a morte”.

Assim, tanto os pais, quanto a própria sociedade, aceitam, com certa ambivalência, e até mesmo, com certa resistência, este processo de crescimento que caracteriza a entrada do indivíduo para a vida adulta. O adolescente por sua vez, tem de lidar com estas situações externas e ambíguas - que caracterizam a reação dos outros com relação a seu crescimento - e que, muitas vezes, se caracterizam por cobranças ou demandas para as quais este jovem ainda não se encontra preparado para lidar. Tudo isto ao mesmo tempo em que “(...) precisa fazer as pazes com seu corpo, para terminar de conformar-se a ele, para sentir-se conforme com ele” (ABERASTURY, 1990, p. 16).

De outra forma, pode-se inferir que a tarefa primordial da adolescência, do ponto de vista psicológico, é o renunciar ao corpo de criança, que se modifica vertiginosamente alterando sua imagem corporal e a representação de si mesmo, aceitando-se e acostumando-se com seu corpo.

Estas mudanças psicológicas, derivadas das mudanças corporais, aliadas aos fatores sócio-culturais acima mencionados por D’Andrea (1996), portanto, obrigam o jovem a uma reformulação de sua identidade. É na convivência com o grupo, que esta nova identidade será construída - conscientemente, inconscientemente e principalmente, socialmente – já que é no grupo que o adolescente busca a uniformidade, que lhe dá a sensação de segurança e estima pessoal, além da possibilidade de, a seguir, “diferenciar-se”. Aberastury e Knobel (1986, p. 37) reitera a visão do autor, ressaltando que “é no grupo e nas convivências sociais, nos modos de interação que se estabelecem, que o indivíduo adolescente encontra um reforço muito necessário para os aspectos mutáveis do ego que se produzem nesse período da vida”.

Bee (1997, p. 344) ao relatar a dificuldade dos adolescentes em se afastarem de sua identidade infantil para a constituição da identidade adulta, também atenta para a importância da escola e dos grupos. A escola, para a autora, não apenas se constitui numa “arena” onde os adolescentes podem praticar suas novas habilidades sociais sexuais, mas é ainda o cenário em que a sociedade tenta moldar as atitudes e os comportamentos dos jovens, de modo a prepará-los para a vida adulta.

Já os grupos de adolescentes, que se formam na escola, e que são bastante característicos, são uma base segura na qual o jovem pode

movimentar-se, na direção de uma solução singular ao processo de identidade (BEE, 1997, p. 353). É no contato com outros, que o jovem poderá exprimir algumas de suas crenças (à medida que as formula ou as “encontra”), metas (inclusive profissionais) bem como exercitar sua capacidade de relacionar-se e estabelecer vínculos com outras pessoas.

Estas experiências grupais ajudarão o adolescente a ter uma visão mais integrada, coerente e consistente de si, aspectos imprescindíveis na construção da identidade adulta. Desta forma, o trabalho em grupo tende a ser frutífero junto ao público adolescente, consistindo em estratégia didático-pedagógica importante para o professor.

Problemática e objetivos da pesquisa

A partir deste conjunto de informações acerca da adolescência e da realidade escolar constatada, a partir das queixas de professores e outros participantes da comunidade escolar atendida, a respeito de episódios recorrentes de agressividade e indisciplina dentre os alunos das cinco turmas de primeiro ano do ensino médio diurno, aventou-se a possibilidade de que estes comportamentos fossem a projeção mais ampla e visível de problemas interpessoais e quiçá, intrapsicológicos, instalados dentro dos subgrupos que constituíam cada turma. Com o intuito de melhorar as relações interpessoais dentre esta população, o projeto de estágio teve por objetivo: identificar as principais emoções presentes nos diferentes grupos de convivência e trabalhar o controle dessas emoções, para uma boa aceitação social; promover práticas de reflexão acerca das próprias ações e suas conseqüências frente ao outro e a si mesmo; buscar novas estratégias de contenção da raiva, ansiedade, medo e tristeza; descobrir “o outro”; melhorar a qualidade das relações interpessoais entre os alunos.

Para a realização de um trabalho mais individualizado que proporcionasse o desenvolvimento de vínculos afetivos entre os sujeitos, e conseqüentemente, as noções de empatia, simpatia, respeito e solidariedade, os 198 alunos das cinco turmas foram divididos, de forma aleatória, em 16 grupos operativos de trabalho (FRITZEN, 1987). Neste processo de divisão das turmas, procurou-se estabelecer uma média de dois ou três alunos de cada turma, evitando a manutenção dos subgrupos existentes em cada uma delas.

Depois de dividir os grupos de trabalho, foi elaborado o cronograma, sendo que a estagiária/ pesquisadora realizou ao longo de 24 semanas, seis

encontros de duas horas/aula com cada grupo. Cada encontro, organizado segundo a técnica do grupo focal (GIL, 1999), trabalhou um tema específico, colocado em pauta pela própria estagiária/ pesquisadora, e tendo por intuito trabalhar temas pertinentes à adolescência e à inteligência emocional (ANTUNES, 2001) tais como: adolescência e sexualidade; a administração das emoções; ética social e empatia; relacionamentos interpessoais; auto-motivação e comunicação. Cada tema foi desenvolvido a partir de uma situação problema, gerada por atividades de dinâmica de grupo proposta pela estagiária.

As estratégias adotadas basearam-se no caráter preventivo e educativo do trabalho do psicólogo escolar. Segundo as considerações de SOUZA (1995), na área da prevenção, a ação do psicólogo escolar pode ser direcionada para a neutralização das influências negativas exercidas por determinadas condições sociais ou educacionais, promovendo: a integração dos partícipes da instituição escola; ou ainda, atuando na área de reeducação atua na busca de soluções para problemas já diagnosticados, visando transformar as situações deficitárias em formas que beneficiem o cumprimento dos objetivos educacionais.

Vale ressaltar que as possibilidades de atuação do psicólogo escolar, acima descritas, estão em consonância com a necessidade da escola de desenvolver trabalhos de caráter educativo que tenham como referência a fase do desenvolvimento dos alunos, e que promovam a partir disto, a consciência crítica, a construção da identidade e auto-imagem, a valorização de vínculos afetivos e a aprendizagem acerca da negociação de comportamentos para um convívio social saudável (BRASIL, 1998).

Considerações finais

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos realizados, foi possível constatar que a agressividade e a indisciplina eram comportamentos recorrentes no repertório dos alunos, tanto na vida privada, familiar, quanto na vida coletiva, escolar. As atividades proporcionadas no interior dos grupos, por sua vez, contribuíram para o desenvolvimento de vínculos afetivos entre alunos que até então “não se conheciam” e, portanto, promoveram, nas palavras dos próprios alunos por ocasião do encerramento dos trabalhos, uma maior capacidade de diálogo entre esta comunidade específica.

Através de exercícios de auto-reflexão e autocrítica, que a princípio eram realizados individualmente e paulatinamente, passaram a ser

compartilhados entre os colegas, os adolescentes tiveram a oportunidade de refletir acerca de valores sociais e familiares, e sobre a natureza ética de seus comportamentos. Isto só foi possível gradativamente, à medida que se desenvolveram laços de sociabilidade e quiçá, de amizade com seus pares.

Ao longo das 24 semanas de trabalho, cada turma teve um encontro mensal; esta quantidade de encontros e periodicidade não se mostrou suficiente a ponto de consolidar os grupos em uma perspectiva terapêutica, e esta, certamente, foi uma das razões para o índice de desistência constatado ao final do curso, que foi de 80 alunos, ou seja, 40% da população. Para explorar melhor os motivos de desistência e para realizar uma avaliação final da proposta empreendida ao longo dos estágios supervisionados em Psicologia Escolar I e II, foi aplicado um questionário semi-aberto junto a 55 alunos dos 80 desistentes a fim de identificar suas percepções acerca do projeto bem como os motivadores para a desistência.

Dentre os principais motivos destacou-se o fato das reuniões coincidirem com o horário da aula e o fato dos integrantes dos grupos não pertencerem à mesma sala. Alguns alunos também apontaram como motivo principal de sua desistência a timidez e falta de confiança no grupo. Apesar das desistências, concluiu-se que o trabalho foi efetivo no aprimoramento das relações interpessoais e desenvolvimento da empatia, o que pôde ser constatado pelo alto grau de comprometimento entre aqueles que ficaram.

Enfim, o presente relato almejou demonstrar que, estratégias de trabalhos elaborados a partir da perspectiva dos grupos operantes podem ser eficazes no contexto educacional, sobretudo no trabalho de desenvolvimento humano de jovens adolescentes. Isso se deve ao fato da adolescência ser um período no qual o convívio grupal tende a ser privilegiado. Apesar da dificuldade desta população específica em transitar entre “grupos” diferentes, que de certa forma lhe conferem uma identidade requerida, e necessária, no âmbito social/escolar, a formação de novos grupos, se bem edificadas, tende a consolidar-se, sendo investido de um sentido semi-terapêutico no qual cada sujeito poderá expressar as angústias e ansiedades que tantas vezes determinam seus comportamentos na esfera social e privada. Neste sentido, a implantação de grupos operantes de trabalho no âmbito escolar podem ser ferramentas didático-pedagógicas de extrema relevância tanto para professores quanto para alunos, além de se constituir em um espaço de trabalho e reflexão importantes, sobretudo acerca dos temas transversais.

Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ABERASTURY, A. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ANTUNES, C. **Alfabetização Emocional**: novas estratégias. Petrópolis: Vozes, 1999.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade**: enfoque psicodinâmico. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

FRITZEN, S. J. **Relações Humanas Interpessoais**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

PATTO, M. H. **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, J. et al **Momentos em Psicologia Escolar**. Curitiba: Pinha, 1995

.

